

## Editorial

GASTOS  
INÚTEIS

O mau uso de veículos oficiais é uma prática frequente na administração pública brasileira. Não é de hoje que ele é denunciado pelo cidadão e pela mídia, sem que os administradores públicos tenham encontrado, até agora, uma forma de coibi-lo ou, pelo menos, administrá-lo.

O TEMPO de ontem fez um levantamento completo de como as coisas funcionam nos Executivos e Legislativos do Estado e do município de Belo Horizonte. Ao mesmo tempo, o programa "Fantástico", da Rede Globo, no domingo, mostrou os abusos praticados em todo o país.

Se o Brasil fosse um país sério, esse tipo de privilégio gozado pelos chamados "dirigentes máximos" seria abolido. Outros países, como Holanda e Suécia, praticamente o extinguiram. Se o político não quiser usar o seu veículo particular, que use o transporte público.

Aqui, país emergente, recém-saído do Terceiro Mundo, o Estado gasta quase R\$ 900 mil por mês com a manutenção de uma frota de 234 veículos para servir esses "dirigentes máximos" em Minas e Belo Horizonte. O gasto anual daria para construir mil casas populares.

Não foram computados os custos com os membros do Poder Judiciário, tampouco os feitos por deputados e vereadores, que recebem mensalmente uma chamada "verba indenizatória", destinada a fazer face a esses custeios e outros, ao bel-prazer do beneficiado.

Não obstante o custo, bancado pelo contribuinte, esse serviço é responsável por muitos outros abusos, praticados contra os cidadãos. Protegidos pelas "chapas pretas", esses veículos têm estacionamento privativo, violam as leis de trânsito e são usados para fins particulares.

As autoridades alegam dificuldades na fiscalização do uso dos veículos oficiais. Na verdade, ela não existe. A única medida que daria um resultado efetivo seria a suspensão do serviço, como fez, em parte, o Executivo estadual, em agosto último, para reduzir o custeio.

Os recursos públicos se esvaem não só nos estádios padrão Fifa, mas também em despesas inúteis e invisíveis como essas.

## SEMPRE EDITORA LTDA

**FUNDADOR** Vittorio Medioli  
**PRESIDENTE** Laura Medioli  
**VICE-PRESIDENTE** Luiz Alberto de Castro Tito  
**DIRETOR EXECUTIVO** Heron Guimarães  
**DIRETOR FINANCEIRO** Marcos de Oliveira e Souza

**GERENTE COMERCIAL**  
Fabiano Guerra

**GERENTE DE TECNOLOGIA**  
Fábio A. Santos

**GERENTE INDUSTRIAL**  
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**  
Walmir Prado

**GERENTE DE MARKETING**  
Alessandra Soares

**GERENTE DE CIRCULAÇÃO**  
Isabel Santos

**GERENTE DE ASSINATURAS**  
Maria Beatriz Braga Rocha

**EDITORA EXECUTIVA**  
Lúcia Castro

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**  
Michele Borges da Costa

**ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO**  
Murilo Rocha

**CHEFE DE REPORTAGEM**  
Renata Nunes

**EDITORES**

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Política: Carla Kreeft

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Carla Chein

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

## O.PINIÃO

A ORDEM DAS PALAVRAS ALTERA O SENTIDO

Duke

FILHO MAMANDO NA MÃE



FILHO DA MÃE MAMANDO



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Por que desejam encabrestar e  
levar um ministro para o brete?

Precisa totalitarismo maior? É a antítese da democracia

**P**orque o que está no palco do Supremo Tribunal Federal (STF) é uma luta ideológica, com todas as tinturas de ódio, cuja lição maior é que, para setores populares e democráticos, ganhar eleições não é o mesmo que assumir o poder. Não admitir embargos infringentes tem um significado profundo, qual seja: qualquer pessoa corre riscos de ser condenada, até injustamente, e não poder se queixar nem ao bispo! Precisa totalitarismo maior? E totalitarismo é a antítese da democracia. Eis o fio da meada!

Catimbaram: não permitiram que o ministro Celso de Mello votasse, quando solicitou. No futebol, catimba é "forjar faltas; querer botar pressão; e atrapalhar o adversário praticando antijogo". Desde então tentam, descaradamente, encabrestar um ministro do STF que já emitiu "N" vezes a sua opinião sobre o tema. A ordem do dia é encurrular o ministro no brete, como um animal!

Na quarta-feira passada, no estacionamento da Faculdade de Medicina, fui interpelada por um funcionário: "Doutora, diga aí o que acha dos embargos infringentes? São para inocentar os mensaleiros?". Quase respondi de chofre, mas a bendita terceira idade, aquela depositária de mil e uma sabedorias, até a de dizer que não sabemos tudo, dá tenência. Balbuciei: "E você, o que acha?". Ter paciência para ouvir e sentir o clima é uma sabedoria daquelas mil e umas.

"Tá difícil entender o noticiário. Sou contra corrupção, de qualquer tamanho. Tem de ter corretivo, que só deve ser aplicado se provado o rombo. Sem

prova, o réu é inocente. Se têm tanta certeza de que o réu é culpado, por que temem os embargos infringentes? Aí tem tretal!".

Enquanto ele falava, repassei mentalmente algo que li, que transcrevo: "Os embargos infringentes podem ser conceituados como o recurso processual cabível das decisões não unânimes proferidas em sede de apelação ou ação rescisória, facultando-se, em face da diversidade de interpretações sobre a matéria, que esta seja novamente reexaminada pela instância superior (...). A palavra 'infringentes' significa aquilo que infrin-

**Não admitir embargos tem um significado: qualquer pessoa pode ser condenada, até injustamente, e não poder se queixar nem ao bispo!**

ge, viola, desrespeita in casu a lei".

E prosseguiu: é leitor-colecionador de minhas colunas semanais em O TEMPO; e releu todas desde 2003 para lembrar o que já escrevi sobre Zé Dirceu. Espantada: "E aí? Qual a sua conclusão?". Sintetizando: "A senhora fez muitas críticas a ele, quando ministro de Lula. Deu pra sentir que não gostava dele". Cá com meus botões: "a maldição de Ibiúna, o fiasco do estrategista inocente". Retruquei: "Leu aquela na qual digo que era bonito?". Rimos.

Ele sacou um recorte de jornal: "E também que era mandarim da República!". Peguei o recorte e está lá: "Começando pelo fim do que disse Dora Kra-

mer, 'E Dirceu, como se sabe, não perdoa: age'. Eu me deliciava com as madeixas de Zé Dirceu ao vento... Era belo e maravilhoso! As fotos dele com o microfone em punho (e as madeixas ao vento), mais belo só Che Guevara. As ideias, assim como hoje, eram controversas... Hoje é um mandarim da República. Não se pode dizer que não levava jeito. Sempre levou. Não sei por que reclamam tanto! Estava escrito nas estrelas" ("Vou de boato, tendo a vergonha como burca". O TEMPO, 17.9.2003).

Ao devolver a crônica ao meu interlocutor, ele encerrou a conversa: "Não permitir embargos infringentes é paulada na cabeça de todo cidadão; querem nos roubar o direito de ampla defesa!". Finalizei: "Nada a ver com Zé Dirceu, e independentemente dele, como cidadã leiga em direito, a minha percepção é que embargos infringentes ampliam a democracia e o direito de defesa".

DUKE

